

Lugar de vida e luta no meio rural de Formosa (Goiás – Brasil): Pré-assentamento Fartura/Miguel Caetano

Hugo de Carvalho Sobrinho

da Universidade de Brasília
Brasília – Distrito Federal – Brasil
hugodecarvalho2009@hotmail.com

Rodrigo Capelle Suess

da Universidade de Brasília
Brasília – Distrito Federal – Brasil
rodrigo.cappellesuess@gmail.com

Cristina Maria Costa Leite

da Universidade de Brasília
Brasília – Distrito Federal – Brasil
criscostaleite@gmail.com

Resumo: Este trabalho objetivou analisar a vivência no contexto da luta pela terra, particularmente, no pré-assentamento Fartura (Miguel Caetano), município de Formosa, Goiás. Em virtude da escassez de informações referentes ao pré-assentamento e à necessidade de se conhecer mais intimamente o objeto pesquisado, essa pesquisa pautou-se pela abordagem quali-quantitativa, com priorização das fontes orais e utilização de dados e indicadores sociais, para discutir o contexto vivenciado pelos assentados, a estrutura fundiária e o uso da terra naquele município, principalmente, o agropecuário. Ele se localiza a 94 km da sede do município de Formosa e seu território aguarda vistoria e aprovação do parcelamento, por parte do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA. Nesse sentido, o abandono, por parte do poder público, somado a uma série de dificuldades como distância da cidade, falta de energia elétrica, péssimas condições das estradas, falta de saneamento básico e moradias precárias interferem na qualidade de vida dos assentados. Os resultados apontam que, apesar de todas as dificuldades, os vínculos estabelecidos entre os assentados os fazem mais fortes para o enfrentamento dos desafios diários. Além disso, observou-se que a conquista da terra representa, muito mais, do que a conquista do lar, na medida em que representa a possibilidade de afirmação enquanto sujeitos do campo e de reproduzirem o seu legado, ao longo das gerações.

Palavras-chave: Pré-assentamento. Luta pela terra. Formosa. Estrutura fundiária.

Introdução

O pré-assentamento Fartura, anteriormente chamado de Miguel Caetano, nome que, segundo seu presidente, se referia a um militante de Minas Gerais, que foi morto lutando pelo movimento de reforma agrária no país, foi fundado no ano de 2006 na fazenda Santa Leocádia, município de Formosa, Goiás. Posteriormente, foi transferido para a fazenda Pindaíba, onde atualmente estão os seus pré-assentados, que fizeram o parcelamento particular, isto é, assumiram os custos no que concerne a divisão da terra e

estão à espera da vistoria do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). A fazenda Pindaíba localiza-se a 94 quilômetros da cidade de Formosa, assentando 47 famílias em 49 parcelas de terra.

O objetivo do presente trabalho consiste em realizar uma análise das lutas travadas pelos trabalhadores do campo e desmistificar os estereótipos que a sociedade impregnou nos homens que lutam pela terra. Assim, nada melhor, que considerar os depoimentos dos próprios sujeitos do campo. Este texto se justifica pelo pouco conhecimento que se tem da realidade dos assentados pela reforma agrária no Município de Formosa-GO, bem como de seus conflitos cotidianos, em busca da conquista do espaço, que atualmente é dominado pela concentração de terra no país.

Essa pesquisa caracteriza-se como exploratória, e busca conferir visibilidade acerca de determinado assunto, por meio de entrevistas semiestruturadas e estudo de caso (GIL, 1999). A abordagem dada ao trabalho se dividiu em quantitativa e qualitativa. No primeiro momento, buscou-se apresentar o município de Formosa, bem como seu contexto geral, estrutura fundiária e uso da terra, por meio de uma análise quantitativa, com apresentação de dados e indicadores a respeito do tema. Já no segundo momento, a pesquisa tomou rumo qualitativo, pela obtenção de informações empíricas decorrentes de observações da rotina do pré-assentamento e de entrevistas semiestruturadas com moradores.

Devido à escassa fonte documental e bibliográfica referente ao pré-assentamento e seu processo de ocupação, foram priorizadas as fontes orais. Segundo Frank (1999), essas se revelam melhor que as fontes escritas, quando envolvem a complexidade dos mecanismos da tomada de decisão. Além disso, possibilitam reconstituir a rede de pressões, a meada de influências e a cadeia de decisões envolvidas, no presente caso, na constituição e desenvolvimento do pré-assentamento Fartura (Miguel Caetano).

Cabe ressaltar que, no desenrolar das entrevistas, os próprios entrevistados indicaram outros cidadãos, que também participaram desse processo, com relevantes informações para os fins a que se dirigiam nossos estudos. Ao todo, colaboraram 11 pessoas, entre eles idosos, adultos, jovens, crianças, homens e mulheres. Todos os entrevistados concederam autorização para a realização e publicação dessas informações.

A pesquisa teve como objetivo analisar a vivência e as lutas que são travadas, constantemente, por aqueles que buscam viver do trabalho com a terra, no pré-assentamento Fartura (Miguel Caetano). Tal objetivo impõe a necessidade de discussão do contexto, estrutura fundiária e o uso do solo no município, principalmente o uso agropecuário, uma vez que se considera uma condição *sine qua non* para a compreensão do objeto de estudo. Os assentados realizam resistências e afrontamentos diretos contra a desigualdade na distribuição de terras no país, ou seja, o homem que tem afetividade pela

terra não se resigna, pois busca seu direito de possuí-la como forma de sustento e exercício da cidadania. Dessa forma, o texto que se segue subdivide-se em dois tópicos: o primeiro trata da conjuntura mais ampla da desigualdade na distribuição de terras, no município de Formosa, em diálogo com o contexto nacional; a segunda, refere-se ao cotidiano do pré-assentamento Fartura/Miguel Caetano, numa relação conjuntura social da reforma agrária no Brasil. Assim, o cotidiano, mesmo diante das dificuldades enfrentadas pelo camponês, é farto em lutas, que renovam esperanças, as quais se entrelaçam e constituem a identidade camponesa, ou seja, o campo como Lugar.

A esse respeito, consideramos o Lugar como categoria de análise do espaço geográfico e, por conseguinte, adequado aos objetivos dessa investigação. Nesse sentido, a análise das narrativas nos permite constatar que o discurso da resistência vivida pelos sujeitos do campo, ratifica a perversidade presente nos processos geradores de desigualdades, em especial no campo. No contexto de disputa pela posse da terra, o território constitui-se um fundamento basilar à compreensão das tensões envolvidas nas relações desse sujeito, por materializar interesses dos mais diversos, inclusive antagônicos e, muitas das vezes, para além do próprio local. Tal concepção de território o enquadra como um espaço de disputa, tensões, arena política e, por conseguinte, evidencia a perspectiva política, no sentido das relações de poder que se manifestam nessa luta.

Assim, o conceito território aqui utilizado, é coadjuvante ao Lugar. Sem desconsiderar sua importância no exercício dessa análise, optamos por priorizar a perspectiva do lugar, na medida em que se constitui o espaço real de vida das pessoas e harmonizar-se sua consciência espacial. Além disso,

O lugar expressa a intencionalidade do indivíduo, na relação entre as próprias intenções e os atributos objetivos do lugar. É essa relação de intenção do indivíduo com o lugar, que lhe confere identidade e significado. Assim, o lugar serve para conferir noção de “pertencimento” ao indivíduo. Essa noção de pertencimento, que é afetiva e neste texto é considerada na sua dimensão de territorialidade, imputa ao indivíduo uma relação de responsabilidade com o lugar, na medida em que ocorre um envolvimento. É essa relação de envolvimento que imputa responsabilidade ou, pelo menos, motivação à ação (LEITE; BARBATO, 2011, p.235).

Portanto, no que se refere a perspectiva do pertencimento ao indivíduo no contexto da territorialidade e da luta pela terra, particularmente, no pré-assentamento Fartura (Miguel Caetano), município de Formosa, Goiás, utilizamos neste artigo a categoria lugar como principal recurso de análise.

Formosa-GO: contexto, estrutura fundiária e uso do solo

O município de Formosa, Goiás, segundo o que dispõe o seu Plano Diretor (BRASIL, 2003), situa-se na latitude 15°32'14"S e longitude 47°20'04"W, com altitude média de 918 m e se enquadra na mesorregião do Leste goiano e na microrregião do Entorno de Brasília. Possui vegetação típica do Cerrado e, segundo a classificação de climática Köppen, apresenta clima tropical Aw, com verão úmido e déficit hídrico no inverno (SUESS; BEZERRA; CARVALHO SOBRINHO, 2013).

Formosa possuía 100.085 habitantes em 2010, de acordo com o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que estimou para 2013 uma população de 108.503 habitantes e densidade demográfica de 17,22 hab/km², abaixo da densidade nacional que é de 22,43 hab./km² (IBGE, 2011). O município se destaca no cenário goiano, encontrando-se entre os 10 municípios mais populosos do estado. O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) do ano 2010 é de 0,744, considerado de médio desenvolvimento humano, segundo o Atlas de Desenvolvimento Humano do ano 2013 realizado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento no Brasil (PNUD, 2013).

A economia do município é predominantemente voltada ao setor de serviços, que representa 71,5% (R\$ 685.284) do Produto Interno Bruto - PIB. Já o setor industrial representa 17% (R\$ 160.247) e o agropecuário 11,5% (R\$ 110.835). Apesar desse último dado não se mostrar muito significativo, Formosa apresenta grande tradição e potencial em seu meio rural para o desenvolvimento agropecuário. E para além das questões econômicas, o meio rural de Formosa guarda significados para aqueles que ali residem e também para aqueles que sonham em voltar para o campo e associar o desenvolvimento econômico com o social, político e cultural.

De acordo com os dados do Relatório Anual de Informações Sociais do Ministério do Trabalho e Emprego – 2006, o Setor Primário (agropecuária, extração vegetal, caça e pesca) colabora com 393 estabelecimentos e emprega formalmente 1.085 trabalhadores no Município de Formosa (BRASIL, 2007). Esses dados talvez justifiquem a baixa participação desse setor na economia do município, ou seja, poucos trabalhadores com carteira assinada no meio rural e um reduzido número de estabelecimentos o que implica, como veremos adiante, em uma concentração de terra no município.

Segundo dados do IBGE (2013), o valor do rendimento nominal médio mensal dos domicílios particulares permanentes com rendimento domiciliar por domicílio rural é de R\$ 1.187,48; por domicílio urbano, R\$ 2.539,64. Ou seja, uma diferença de R\$ 1.342, revelando a disparidade do rendimento domiciliar médio mensal entre meio rural e urbano.

Observa-se, por meio dos dados organizados pelo IBGE e pelo Instituto Mauro Borges (2013), que a população rural vem caindo nas últimas décadas. Em 1980, a população rural somava um montante de 13.679 habitantes, já em 2010 esse número caiu para 8.062. O que mais impressiona não é a perda de 5.617 habitantes do campo de 1980 a 2010, e sim a queda da proporção da população rural: em 1980 a população rural representava 31,5% da população formosense; já em 2010 esse número caiu para 8%. Esse movimento pode ser comparado aos de urbanização e industrialização que ocorreram e ocorrem no país, principalmente a urbanização e o crescimento do setor de serviços no município, tendo em vista que Formosa não desperta muito interesse no setor industrial.

No ano de 2010 a população rural feminina, 3.488 mulheres, representava 43% da população rural total, 13.679 pessoas. A população masculina é majoritária, sendo 4.574 homens vivendo no campo, 57% da população rural total. Observa-se que quase não há variação em porcentagem se comparar ao número de população feminina de 1980 (6.250 - 46%) e masculina, no mesmo ano, (7.429 - 54%).

A redução do número da população rural pode estar ligada a uma série de fatores, como por exemplo, a falta de infraestrutura no meio rural; a falta de recursos e subsídios para a produção agropecuária, principalmente, para manutenção das famílias de pequenos e médios produtores; a falta de serviços básicos como saúde e educação. A concentração excessiva de quantidade de terras, e as de melhor qualidade nas mãos de poucos, a expansão de monoculturas para exportação sobre áreas destinadas a policulturas, as culturas destinadas ao abastecimento local e nacional e a precarização do trabalho rural são fatores que, também, contribuíram e contribuem para a não sustentação do camponês na terra. Como consequência há o êxodo rural e o inchaço das cidades, principalmente, da periferia.

O município, segundo o Censo Agropecuário de 2006, possuía 2.388 estabelecimentos agropecuários, ocupando uma área de 350.556 hectares, o que representa 60% da área do município de Formosa, que é de 5.811,790 km² ou 581.179 ha (IBGE, 2006). Essa não é maior em virtude de uma área de 104.000 ha, que representa 18% da área total do município, destinar-se ao Centro de Instrução de Formosa (CIF), onde são desenvolvidas atividades do Exército Brasileiro e de proteção ao bioma Cerrado (SANTOS, 2005).

De acordo com os dados do Censo Agropecuário de 2006, relativos aos estabelecimentos agropecuários, constata-se que 434 utilizam as terras para lavouras permanentes e 1.278 estabelecimentos as utilizam terras para a lavoura temporária, ocupando uma área de 1.720 e 20.312 ha, respectivamente. Um número de 259 estabelecimentos com pastagens plantadas degradadas e 1.454 com pastagens plantadas em boas condições, em uma ordem de 12.860 e 161.555 ha respectivamente. Para a criação de bovinos (223.100 cabeças), suínos (8.059 cabeças) e aves (350.782 cabeças) são destinadas

áreas de 1619, 1010 e 2048 estabelecimentos respectivamente. É importante destacar que o município possui um número de 55 cooperativas (IBGE, 2006).

Para se compreender a estrutura fundiária do município, será necessário discutir como o governo trata esses dados e o que é módulo fiscal. A Lei 8.629, de fevereiro de 1993, divide o imóvel rural em três tamanhos: a) pequena propriedade - área compreendida entre 1 e 4 módulos fiscais; b) média propriedade - de área superior a 4 e até 15 módulos fiscais; e, c) grande propriedade - acima de 15 módulos (BRASIL, 1993). De acordo com o Senado Federal (2013), módulo fiscal é uma unidade de medida expressa em hectares, cuja extensão pode variar de município para município. Um dos principais fatores para tal variação está, principalmente, nas condições de produção, a exemplo da dinâmica do mercado, infraestrutura instalada, disponibilidade tecnológica, além de aspectos naturais como solo e água. Assim, menor será o tamanho da área necessária para o produtor alcançar a rentabilidade da atividade econômica optada para ali desenvolver à proporção que essas condições mostrarem-se disponíveis.

Em 2003, Formosa, o módulo fiscal do município era de 40 ha, assim o pequeno produtor é considerado aquele que possui uma área de 0 a 160 ha; o médio de 160 a 600 ha e o grande mais de 600 ha (IMB, 2005).

O município apresenta um número de 1.583 imóveis rurais (IRs) ocupando uma área de 434.313,20 ha. Sendo assim, distribuído, 1.089 pequenas propriedades que ocupam 47.511,50 ha, 308 médias propriedades que ocupam 102.074,90 ha e 186 grandes propriedades que ocupam 284.726,80 ha (Tab. 1).

Dessa forma, 69% das propriedades (1.089 IR's), consideradas como pequenas, ocupam uma área de 11% (47.511,50 ha) da área total dos IR's do município de Formosa (434.313,20 ha); 19% das propriedades (médias - 308 IR's) ocupam uma área de 23,5% (102.074,90 ha) da área total dos IR's do município de Formosa; e 12% das propriedades (grandes - 186 IR's) ocupam uma área de 65,5% (284.726,80 ha) da área total dos IRs do município de Formosa.

Tabela 1 - Imóveis rurais cadastrados no INCRA, outubro/2013, Formosa, Goiás.

Municípios / tamanho da propriedade	Módulo fiscal	Área (ha)	Imóveis Rurais	
			Qtde	Área (ha)
Formosa	40	—	1.583	434.313,20
Pequena propriedade		de 0 a 160	1.089	47.511,50
Média propriedade		mais de 160 a 600	308	102.074,90
Grande propriedade		mais 600	186	284.726,80

Fonte: Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA.

Elaboração: SEPLAN-GO / SEPIN / Gerência de Estatística Socioeconômica – 2005.

Apesar dos dados do INCRA não corresponderem aos do IBGE, o que pode estar relacionado com o próprio ano da realização da pesquisa e até mesmo à metodologia aplicada, ambos são úteis para refletir a respeito da estrutura fundiária do município de Formosa.

Com tais análises, nota-se a grande concentração de terra no município de Formosa, em que 12% desfrutam de 65,5% da área dos Imóveis Rurais (IR's) ao passo que 69% dos proprietários e suas famílias têm que dividir uma área que representa 11% da área total dos IR's. Tal situação demonstra certa imobilidade no processo de descentralização de terras no país, que possui raízes históricas e atuais, devido ao não posicionamento e negligência com aqueles que clamam pela reforma agrária e sonham em possuir um espaço para se viver decentemente não apenas em aspectos econômicos, mas também simbólicos, culturais, sociais e políticos. Isso evidencia, ainda, a dimensão das disputas pela posse de terra e configura o território como um campo de tensões, pois aí se materializam interesses conflitantes. Por conseguinte, àqueles que estão imersos nessa arena política, em especial as populações expulsas do campo e as que aí resistem, conformam sua espacialidade pela dimensão deste Lugar.

É na perspectiva de uma justa distribuição e desconcentração de terras no país, que os movimentos sociais de luta pela terra vêm travando uma disputa com o sistema capitalista, que se apropriou de uma estrutura materializada ao longo da história, e organismos que são condizentes e dão subsídios a esse sistema. Nesse contexto, conforme o Censo Agropecuário de 2006, no município de Formosa, existem 772 unidades de assentados sem titulação definitiva ocupando uma área de 18.728 ha. Observa-se que é um número pequeno em relação à dimensão em que se encontra a concentração de terras no município.

Sendo assim, a partir do contexto em que o município se enquadra e alguns dos indicadores socioeconômicos de sua população, em especial a do campo, e a investigação da estrutura fundiária e uso do solo no município, voltar-se-á a atenção para a realidade cotidiana do pré-assentamento Fartura/Miguel Caetano, que será o objeto/sujeito da pesquisa, em relação direta ao contexto e às conjunturas abordadas, que conferem ao Lugar e ao território uma perspectiva interessante de compreensão da realidade.

O Pré-assentamento Fartura/Miguel Caetano: Passado e Presente

O pré-assentamento Fartura/Miguel Caetano está localizado no município de Formosa-GO a 94 km de sua sede, no quilômetro 80 da GO 116, no vale do rio Paranã. De acordo com o presidente do pré-assentamento, Francisco Divino Correia Silva, a luta pela

terra começou em 2006 na fazenda Santa Leocádia, na qual permaneceram por dois anos acampados. Posteriormente, mudaram para a fazenda Pindaíba, onde se realizou o parcelamento particular, isto é, os próprios assentados assumiram os custos, no que concerne a divisão da terra e estão à espera da vistoria e aprovação do parcelamento pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA. Dessa forma, para o INCRA não há o reconhecimento como assentamento, e sim como pré-assentamento. Tal situação configura o território como uma arena política, na medida em que expressa as tensões envolvidas na relação dos assentados com o Estado, por meio do INCRA.

Esse impasse degrada as condições econômicas e sociais do pré-assentamento, visto que a legalização oferecerá a possibilidade de assistência técnica e econômica aos assentados. Segundo o presidente do pré-assentamento, uma das principais preocupações do local é a água, pois não há saneamento básico e por isso o consumo desse bem é decorrente de água do poço ou do rio Paranã. Para ele, a falta de compromisso por parte do poder público inviabiliza a produção dentro do pré-assentamento, principalmente devido à falta de assistência técnica e financeira, bem como das condições das estradas e a distância para a cidade de Formosa-GO.

Ainda, segundo seu presidente, o pré-assentamento é vinculado ao Movimento de Luta pela Terra (MLT), que ganhou destaque em Formosa, principalmente após a realização do 1º Encontro Nacional do Movimento de Luta pela Terra, em 2013. Esse surgiu em 1993, mediante ocupações de fazendas em Ilhéus/BA, fruto de um levante camponês que visava à conquista da terra e um projeto de sociedade mais justo, para transformação do camponês como um sujeito da sua própria história (MLT, 2013).

O pré-assentamento primeiramente ficou conhecido como Miguel Caetano, nome que, segundo seu presidente, se referia a um militante de Minas Gerais, que foi morto em luta pelo movimento de reforma agrária no país. O pré-assentamento encontra-se dividido em 49 parcelas, no qual residem 47 famílias, tendo em média cinco (5) pessoas por família. O tamanho das parcelas varia conforme a qualidade das terras. Como exemplifica o presidente da referida associação, Francisco Divino, as áreas próximas ao rio Paranã possuem 15 hectares.

Apesar das dificuldades na produção de alimentos, alguns assentados produzem feijão, milho, mandioca, frutas, leite e derivados. Também possuem criações de galinhas e porcos, que são típicas do meio rural. Porém, como apontam, a produção é muito baixa e, na maioria das vezes, não atende à demanda familiar. Na possibilidade de uma boa safra vendem ou trocam por outros alimentos, como afirmou o senhor Isaú, ao ser perguntado sobre o destino das colheitas, se subsistência ou venda: “depois que sobrar e a gente comer, devolve para quem não tem também (sic!)”. Tal consideração evidencia os traços de

solidariedade entre os membros do grupo, na medida em que constata-se existir uma relação de reciprocidade entre a vizinhança, de ajuda mútua. Essa situação, por sua vez, tende a consolidar os laços afetivos para com o lugar, por um lado, e fortalecer a relação de pertencimento, a própria territorialidade, de outro.

O acesso à educação constitui-se um elemento importante para ser avaliado em uma sociedade. Nesse sentido, o pré-assentamento Fartura/Miguel Caetano ao integrar o conjunto social brasileiro, dispõe da possibilidade de construir, por meio da educação, um novo projeto de sociedade, que supere a contradição opressores-oprimidos (FREIRE, 1987), pois segundo Souza (2011, p.22) “no Brasil, a luta por uma educação voltada para os camponeses surge junto com a luta pela terra”.

Significativa parte das pessoas que residem no pré-assentamento Fartura/Miguel Caetano possui, no máximo, o ensino fundamental, exceto as crianças e os jovens que tem oportunidade de frequentarem a escola. Nessa localidade ocorrem aulas presenciais, duas vezes por semana, na sede da fazenda ocupada, o que possibilita aos adultos e idosos o retorno à escola.

Nesse contexto, as principais dificuldades com a educação relacionam-se ao acesso à escola, na medida em que o transporte é deficiente, seja pelas péssimas condições das estradas, seja pelas condições dos veículos. Os jovens reclamam, também, da educação formal oferecida no campo, como atesta o depoimento de uma estudante: “... os professores deviam se preparar mais, em minha opinião os professores de Formosa [cidade] são melhores do que os daqui”. Além disso, outra queixa refere-se à falta de cursos profissionalizantes. Muitos adultos e idosos desta comunidade vêm a necessidade de voltarem aos estudos. Irenilda, Cecília e Isaú são exemplos de pessoas que voltaram a estudar. A primeira possui uma filha, que pode ser considerada um exemplo de vida, pois quando era mais jovem perdeu um de seus dedos do pé, em acidente com motocicleta. A segunda, Dona Cecília, questionada sobre ser feliz por estudar, afirma que sim, “eu sou muito fraca na matemática, mas a professora é tão legal!”.

Os pais acreditam que a educação e o trabalho devem ser vinculados, porque as condições de reprodução da vida material assim o pedem. Tal vinculação compõe o elenco de especificidades que caracteriza o processo de educação no campo. Nesse sentido, há de se destacar a consideração de Saviani (2007, p. 154) sobre a relação educação/trabalho “[...] significa que o homem não nasce homem. Ele forma-se homem. [...] Ele necessita aprender a ser homem, precisa aprender a produzir sua própria existência”.

Atualmente os assentados enfrentam uma série de problemas estruturais: falta de energia elétrica; as péssimas condições das estradas; falta de saneamento básico mínimo; ausência de moradias (Fig. 1) de alvenaria, pois os assentados ainda se encontram em lonas

. Tais condições evidenciam que a comunidade integra aquele conjunto social esquecido pelo poder público, minimamente considerado no âmbito das políticas públicas setoriais, notadamente em relação à oferta infraestrutura urbana, acesso à saúde e habitação. Desse modo, as condições de vida do local são muito ruins e atestam o descaso do poder público para esse setor da sociedade. A esse respeito, deve-se destacar que a opção pela agricultura familiar e o assentamento de populações rurais marginais à reprodução capitalista, constituem-se um obstáculo ao padrão de desenvolvimento rural estabelecido pelo agronegócio, especialmente as monoculturas de exportação. Assim, esse “esquecimento” dessas populações expressa o nível de tensões no âmbito da luta pela terra, da opção do Estado nessa disputa e, configura o território como uma arena. Mesmo assim, e apesar de todas as dificuldades, os moradores afirmam que o campo e a terra conquistada constituem-se o seu lugar.



Figura 1 - Condições das moradias no pré-assentamento Fartura (Miguel Caetano), Formosa, Goiás.

Fonte: Carvalho Sobrinho, Suess e Leite, 2014.

Nesse sentido, é importante considerar, que tal afirmação evidencia uma concepção de Lugar, enquanto espaço real de vida das pessoas, que molda sua consciência espacial, conforme enunciando anteriormente. Desse modo, essa noção de Lugar também expressa o entendimento que Tuan (1980, p. 198) confere ao conceito, quando diz que “o lugar é um mundo de significação organizado”. Nesse sentido, ressalta, que o tempo de espera e a não fixação da moradia ao longo da vida e nos corredores contribuem para a valorização do espaço conquistado. Dessa afirmação, infere-se que a expectativa de regularização da posse de terra nos pré-assentamentos, contribui para o fortalecimento dos laços com o Lugar, de

um lado e, conseqüentemente, o próprio sentido de territorialidade, aqui considerado na dimensão do pertencimento ao lugar.

Segundo Carlos (2007, p. 15) “o lugar guarda em si e não fora dele o seu significado e as dimensões do movimento da história em constituição enquanto movimento da vida [...]”. Nesse sentido, pode-se afirmar que o campo, para a comunidade em questão, embora não seja unânime, significa um local tranquilo e adequado para viver e criar seus filhos, pois se constitui o local onde muitos se criaram e estabeleceram laços afetivos com a terra e com a natureza. Em contraposição, a cidade é considerada o inverso do campo, ou seja, um espaço aberto e até mesmo temido, devido à falta de segurança e à dinâmica de vida, características essas que a distanciam de seu estilo de vida. As narrativas dos entrevistados revelam, ainda, que a relação com a vizinhança constitui em um dos principais fatores para que aquele espaço se torne um lugar mais agradável e habitável, o que confirma Tuan (1980), quando afirma que a satisfação com o bairro depende mais da satisfação com os vizinhos, do que as propriedades físicas do local. .

Os assentados contribuem para o rompimento da concentração fundiária no município de Formosa e do estado de Goiás e se autolibertam da dominação dos fazendeiros e das suas péssimas condições de trabalho e dignidade humana, no contexto de uma luta tão árdua, que se assemelha a um parto doloroso. Tal analogia nos lembra das considerações de Freire sobre os processos de libertação: “a libertação como um parto, não um simples parto, um parto doloroso: o homem que nasce deste parto é um homem novo, que só é viável na e pela superação da contradição opressores-oprimidos, que é a libertação de todos” (FREIRE, 1987, p. 19),

Essa situação de luta se observa no quadro que se segue, o qual elenca algumas narrativas dos entrevistados/assentados, que revelam a diáspora cotidiana, a resistência frente a sua exclusão social e ao próprio processo de à concentração fundiária do município

Quadro 1 – Síntese das narrativas dos entrevistados/assentados

A dificuldade aqui é tudo, é tudo, primeira coisa água, nós não temo água potável [...] o INCRA fala que não, que pode tomar normalmente a água do Paranã que tem animal morto [...] Nós somos obrigados a beber porque não tem outra. (Entrevistado 1).
O que falta mais é incentivo político porque hoje cê vê que tudo hoje depende da força política, e nós tamo esquecido [...]. Primeiramente, estradas, nois não temos estradas para fazer chegar na cidade o que produzimos aqui, chegar na cidade de Formosa que é a mais perto, é muita dificuldade [...].(Entrevistado 1).
Nossos filhos cresceram na roça, todos eles são cheios de experiência, tanto faz para horta, pesca, mexer com o gado, fazer queijo e requeijão. (Entrevistada 2).
Nóis pretende plantar pra vê se faz alguma coisa para vender, só que o transporte é difícil para levar. [...] eu pretendia fazer uma horta, fazer farinha, levar rapadura, uma abóbora, frango para vender. (Entrevistada 3).
Meu cunhado falou que sem terra é lugar de preguiçoso, ai eu falei assim, não é por que nós aqui rala tanto, sofre tanto, trabalha tanto, [...] mas que é vagabundo não é não. (Entrevistada 3).

Meu futuro vai ser aqui eu gosto daqui, eu mexo com gado e ajudo meu pai na roça e faço tudo. Eu gosto mais daqui do que da cidade. (Entrevistado 4).

Nóis veio em busca de uma terra pra gente trabalhar e em busca de uma coisa melhor, onde agente morava era muito difícil, no município de Padre Bernardo, e tamo aqui. [...] Aqui para nois está no céu em vista de onde nois morava. Já sofremos muito aqui em barraca e tal, mas estamos melhor um pouco. Antes não era telha era lona mermo, então foi difícil [...] mas nunca pensei em desistir não, sempre firme. (Entrevistada 5).

Fonte: Entrevistas realizadas com os moradores do pré-assentamento Fartura/Miguel Caetano em 2014.

As narrativas atestam algumas das dificuldades vividas no pré-assentamento. Contudo, é possível perceber a constituição da territorialidade dos moradores, pelo seu apego e afetividade à terra. Nesse sentido, a declaração de uma das entrevistadas “a terra é uma conquista” nos permite inferir que a conquista do espaço desencadeia a constituição do lugar, como uma consequência direta dele.

No contexto dessa luta cotidiana emerge, ainda, a questão do preconceito. Nesse sentido, é conveniente ressaltar que há uma imagem estigmatizada, negativa, imputado aos sujeitos do campo, decorrente do processo de marginalização dos movimentos sociais, impostos pela mídia e pelos setores mais conservadores da sociedade. Tais preconceitos, equivocados, devem ser desconstruídos, também, por parte dos movimentos que lutam pelo direito à terra, uma vez que a realidade vivenciada pelos sujeitos do campo é diferente. Nesse sentido, todo sofrimento, trabalho, luta, conquista e perseverança devem ir de encontro ao estereótipo que visa separar e confundir os oprimidos.

Á despeito de todas as dificuldades enfrentadas pelos moradores no dia a dia do pré-assentamento, encontramos pessoas otimistas em relação ao seu futuro e de seus filhos, pelo simples fato de querer e poder permanecer no meio rural e por isso, preservar sua identidade, gerar descendência nesse Lugar para transmitir seu legado às futuras gerações, na expectativa de romper com as correntes de exploração e submissão, sofrida na mão dos fazendeiros. Assim, a conquista da terra é muito mais do que a conquista do lar, pois representa a possibilidade de afirmação dos sujeitos do campo, como revela a intenção de um jovem: “meu futuro vai ser aqui eu gosto daqui, eu mexo com gado e ajudo meu pai na roça e faço tudo. Eu gosto mais daqui do que da cidade”.

Considerações finais

As narrativas dos sujeitos do campo associadas à concepção teórica do conceito de Lugar, como uma categoria de análise do espaço geográfico, materializado no território do pré-assentamento Fartura, em Formosa/GO, atestaram que a luta pela terra é um imenso desafio. Entretanto, à despeito das condições adversas enfrentadas cotidianamente, esses sujeitos são otimistas em relação ao seu futuro e de seus filhos, no que se refere à conquista

da terra. Essa representa muito mais que a legitimação formal da posse, pois se constitui, fundamentalmente, na possibilidade de se afirmarem enquanto sujeitos do campo, permanecerem como tal, e de reproduzirem o seu legado ao longo das gerações. Além disso, as narrativas atestaram a constituição do sentido de Lugar e da decorrente construção da territorialidade pelos vínculos estabelecidos entre os pré-assentados, que os fizeram mais fortes ao enfrentamento dos desafios diários. Nesse sentido, os relatos evidenciaram que a existência de objetivos comuns, partilhados coletivamente, geraram vínculos entre as pessoas, os quais se tornaram ferramentas de construção dos laços que uniram as pessoas na rotina do trabalho e das lutas políticas.

O conhecimento dessa realidade nos imputa a expectativa, em relação ao poder público, efetivação de políticas públicas, que contemplem os direitos dos sujeitos sociais do campo, deveres do estado. Nesse sentido, deve-se ressaltar, que o pré-assentamento Fartura/Miguel Caetano, em que pese a falta de infra-estrutura, contribui, mesmo que pontualmente, para a diminuição da concentração de terra e a concretização da justiça social no município de Formosa. Quando analisado em uma escala maior, o efeito da ocupação e o parcelamento de latifúndios são pouco sentidos nos cenários regional e nacional. Porém, essa ruptura muda a vida de muitas pessoas, notadamente as que estão em pleno processo de disputa pela posse de terra, num país que prioriza a agricultura de exportação. Assim, o impacto em nível local é significativo, pois retira da mão de um latifundiário uma área que não cumpre seu papel social e a distribui para dezenas e até centenas de famílias. As experiências já registradas, onde se inclui a presente análise, constituem-se fundamentos às proposições de mudanças, que ainda precisam ocorrer, para que a justiça social se implante, notadamente àquelas populações.

Place of life and struggle in the countryside of Formosa (Goiás – Brasil): pre-settlement fartura/miguel caetano

Abstract: This work objected the analysis of experience and struggles for land, particularly in Fartura (Miguel Caetano) settlement in Formosa, Goiás. Due to limited source of information regarding the settlement and the need to meet more closely the researched object stood out qualitative research, prioritizing oral sources. In addition, based on data and social indicators, comes to discussing the experienced context, land ownership and land use in the municipality of Formosa-GO, with focus on the agricultural use. This pre-settlement is located 94 km from the head office of the municipality of Formosa. The current territory is awaiting inspection and approval of installments by the Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA. The abandonment by the government coupled with a number of difficulties such as distance from the city; the lack of electricity; the poor condition of the roads; the lack of basic sanitation and poor housing end up interfering with the quality of life of the settlers. Despite all the difficulties, the links established between the settlers make them stronger to face the daily challenges. The conquest of the is much more than the conquest of the home, but also the possibility to assert themselves as subjects of the glebe and to reproduce his legacy through the generations.

Keywords: Settlement. Struggle for land. Formosa. Land structure.

Referências

BRASIL. Ministério da Integração Nacional. Secretaria do Planejamento e Desenvolvimento. (2003). **Plano Diretor do Município de Formosa - GO**. 188 p. Disponível em: <www.integracao.gov.br/.../download.asp?.../planos_diretores/Plano_Formosa>. Acesso em: 02 jul. 2016.

_____. Ministério do Trabalho e Emprego. **Relação Anual de Informações Sociais - 2006**: Dados Estatísticos da Empregabilidade no Brasil. Brasília: MTE, SPPE, 2007. Disponível em: <www3.mte.gov.br/pdet/arquivos_download/rais/Empregabilidade-RAIS_2006.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2016.

_____. Presidência da República. Lei 8.629, de 25 de fevereiro de 1993. Dispõe sobre a regulamentação dos dispositivos constitucionais relativos à reforma agrária, previstos no Capítulo III, Título VII, da Constituição Federal. Brasília: Congresso Nacional, 1993.

CARLOS, A. F. A. **O lugar no/ do mundo**. São Paulo: Labur Edições, 2007.

FRANK, R. Questões para as fontes do presente. In: CHAUVEAU, A.; TÉTART, P. (orgs.) **Questões para a história do presente**. EDUSC, Bauru, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17 Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOIÁS (2005). Governo de. Secretária de Estado de Gestão e Planejamento. **Imóveis rurais cadastrados no INCRA, segundo os municípios. Posição**: Outubro / 2003. Disponível em: <www.semarhtemplate.go.gov.br/uploads/files/gbio/car/modulos_fiscais.htm>. Acesso em: 01 Jun. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE (2006). **Censo Agropecuário 2006**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/agropecuaria/censoagro/brasil_2006/Brasil_censoagro2006.pdf>. Acesso em: 01 Jun. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Formosa**: sínteses de informações. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=520800&idtema=16&search=goias|formosa|sintese-das-informacoes>>. Acesso em: 01 Jun. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE (2011). **Operação censitária**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/guia_do_censo_2010_operacao.php>. Acesso em 31 mai. 2016.

INSTITUTO MAURO BORGES. **População Rural**. Disponível em: <<http://www.imb.go.gov.br/>>. Acesso em: 30 mai. 2016.

MOVIMENTO DE LUTA PELA TERRA—MLT. **História do MLT**. Disponível em: <<http://movimentodelutapelaterra.blogspot.com.br/p/historia-do-mlt.html>>. Acesso em: 01 Jun. 2016.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO - PNUD (2013). **Ranking IDHM Municípios 2010**. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/atlas/ranking/Ranking-IDHM-Municipios-2010.aspx>>. Acesso em: 31 mai. 2016.

SANTOS, A. S. **Subsídios à implantação da gestão ambiental em áreas militares do Exército brasileiro, tendo como estudo de caso o Campo de Instrução de Formosa-GO**. Dissertação (Mestrado em Planejamento e Gestão Ambiental). 2005, 188 f. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Planejamento e Gestão Ambiental, Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2005.

_____. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional**. São Paulo: Hucitec, 1998.

SAVIANI, D. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 34 jan./avr. 2007.

SENADO FEDERAL. **Pequena propriedade e agricultura familiar**. Disponível em: <www12.senado.gov.br/codigoflorestal/infograficos/pequena-propriedade-e-agricultura-familiar>. Acesso em: 30 mai. 2016.

SOUZA, F. E. Os colégios rurais agrupados na Espanha: espaços de fortalecimento do campesinato? **Revista NERA**, Presidente Prudente-SP, v. 14, n. 18, p. 21-36, jan./jun. 2011.

SUESS, R. C.; BEZERRA, R. G.; CARVALHO SOBRINHO, H. Percepção ambiental de diferentes atores sociais sobre o Lago do Abreu em Formosa-GO. **Holos**, Nata-RN, Ano 29, Vol. 6, 2013.

TEXEIRA, R. A. **Formosa: Portal do Nordeste Goiano ou pólo regional do entorno de Brasília?**. 2005, 167 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2005.

TUAN, Y-F. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

SOBRE OS AUTORES

HUGO DE CARVALHO SOBRINHO - Doutorando em Geografia pela Universidade de Brasília e professor da Secretaria de Educação do Distrito Federal;

RODRIGO CAPELLE SUESS - Mestre em Geografia pela Universidade de Brasília e professor da Secretaria de Educação do Distrito Federal;

CRISTINA MARIA COSTA LEITE - Doutora em Educação pela Universidade de Brasília e coordenadora do Grupo de Pesquisa em Ensino, Aprendizagem e Formação de Professores em Geografia (GEAF) da Universidade de Brasília.

Recebido para publicação em julho de 2016

Aceito para publicação em setembro de 2016